

## O DILEMA DO MANDARIM

Glauco Schneider Rolim\*

### RESUMO

Tendo em vista a convicção de que *Crime e castigo* é uma das mais impactantes e inesquecíveis obras-primas da literatura do séc. XIX, propõe-se uma análise da obra, centrada na personagem protagonista Raskólnikov. São feitas considerações a respeito do caráter específico, da personalidade inusitada dessa personagem e, ao mesmo tempo, procura-se relacioná-la com seus ascendentes e descendentes em outras obras de Dostoiévski. O eixo central dessa análise, no entanto, é o que Paulo Rónai chamou “dilema do mandarim”, em sua obra dedicada a Balzac. A partir dos comentários de Rónai, foram analisadas, comparativamente, obras diversas de Chateaubriand, Balzac e Eça de Queirós, procurando estabelecer traços de identidade e afinidade entre elas.

**Palavras-chave:** literatura ocidental do século XIX, Dostoiévski, análise comparada, o dilema da mandarim.

### ABSTRACT

Considering that de novel *Crime and punishment*, by Dostoiévski, is a milestone in the Western Literature of the XIX Century, this essay proposes an analysis centered on Raskólnikov, the main character. While analysing the particular personality of that character, we try to relate it to prior and subsequent characters in other works by Dostoiévski. However, the analysis central point is the concept called “the mandarin dilemma”, by Paulo Rónai, on his work on Balzac, whose considerations are the starting point of our work, in wich we study comparatively different literary works by Chateaubriand, Balzac and Eça de Queirós, trying to establish evidences of identity and affinity among them.

**Keywords:** Western Literature in the XIX Century, Dostoiévsky, comparative analysis, the mandarin dilemma.

---

\*Acadêmico do curso de Letras da UNISC. Trabalho apresentado inicialmente como monografia de graduação no curso de Letras da UNISC, 2000.

Em sua obra *A república*<sup>1</sup> Platão relata uma curiosa história. O camponês Gíges, que pastoreava suas ovelhas, encontra certo dia no campo uma cratera, ali aberta por efeito de uma chuva torrencial. Dentro da fenda, vê um cavalo de bronze, com aberturas semelhando portas nos flancos. Gíges desce e penetra no cavalo, onde encontra o cadáver de um homem que trazia um anel no dedo. Apanha o anel, coloca-o por sua vez em seu próprio dedo e sai dali. Mais tarde, tendo se dirigido à assembleia dos pastores, por acaso e movido por uma curiosidade natural que o fazia mexer no objeto recém-adquirido, Gíges moveu o engaste do anel, voltando-o para a palma da mão. Esse simples movimento no anel fez com que o camponês se tornasse invisível. Quando o anel era girado de volta à posição original, Gíges tornava a ficar visível. Então, com o poder que o anel lhe conferia, Gíges cometeu ações perversas e criminosas. Seduziu a rainha e depois, “com o auxílio dela, atacou e matou o soberano e assim se assenhoreou do poder” (p.57).

Platão imaginou essa história, ou ela lhe foi legada por uma antiga tradição. De qualquer modo, ela tem um significado hipotético e alegórico, que pode ser resumido nos seguintes termos: quando estamos seguros de que nossos atos ficarão impunes e ignorados, cometeremos injustiças e crimes, sem nenhum escrúpulo. É certo que talvez esse sentido moral subjacente à história encerre uma concepção amarga e pessimista da condição humana. Também é certo que nem todos os homens se comportariam como Gíges, embora a maioria seguisse seus passos e até mesmo fosse além, praticando barbaridades e desmandos mais graves ainda, sob a capa da invisibilidade, isto é, da impunidade. Vejamos o que diz Platão:

Gíges é uma grande prova de que ninguém é justo por sua vontade, mas constrangido, por entender que a justiça não é um bem para si, individualmente, uma vez que, quando cada um julga que lhe é possível cometer injustiças, comete-as. Efetivamente, todos os homens acreditam que lhes é muito mais vantajoso, individualmente, a injustiça do que a justiça. (p. 58)

Séculos mais tarde, na Roma dos Césares, Cícero retoma a lenda de Gíges e tece observações atiladas a respeito, na sua obra intitulada *Dos deveres*. Em oposição a alguns filósofos epicuristas que atacaram Platão por usar mitos na argumentação filosófica, Cícero enfatiza o sentido alegórico da lenda de Gíges:

<sup>1</sup> PLATÃO. *A república*. 8. ed. Porto: Calouste Gulbenkian, 1996. As outras citações a seguir serão extraídas dessa edição, constando entre parênteses as páginas em que podem ser confrontadas.

Se um sábio lançasse mão desse anel, não acharia lícito fazer coisa alguma que não faria sem ele. [...] Eis o significado do anel e da história: acaso farias qualquer coisa para obter riqueza, poder e amor se ninguém soubesse ou sequer o suspeitasse, se tudo permanecesse para sempre ignorado dos deuses e dos homens? [...] Com efeito, quando perguntamos o que fariam [os epicuristas] caso pudessem dissimular, não perguntamos se poderiam dissimular, mas aplicamos uma espécie de tortura; se responderem que, garantida a impunidade, fariam o que lhes fosse vantajoso, confessarão que são criminosos e, se protestarem que não o fariam, reconhecerão que é necessário evitar todos os atos torpes por si mesmos.<sup>2</sup>

O dilema do mandarim nada mais é do que a formulação moderna para a temática moral de Gíges. No início do século XIX, o francês Chateaubriand, no seu *O gênio do cristianismo*, cuja publicação original data de 1802, questiona:

Ó consciência! não serás tu mais que um fantasma da imaginação, ou o temor dos castigos humanos? Interrogue-me com esta pergunta: “Se pudessem, com um simples desejo matar um homem na China e herdar-lhe os bens na Europa, com a convicção sobrenatural de que nunca se saberia, consentirias nesse desejo?” Debalde exagero a minha indignação, debalde intento atenuar este homicídio, imaginando que por meu desejo o china morre de repente sem dor, que não tem herdeiro, que nem o estado lhe aproveitará os bens; debalde me represento esse estrangeiro vexado de tristezas e enfermidades; debalde argumento com o bem que lhe é a morte, já invocada, e já perto dele: apesar dos meus vãos subterfúgios, ouço no fundo do meu coração uma voz que tão fortemente brada contra o só pensamento de uma tal suposição, que não posso duvidar um instante da realidade da consciência.<sup>3</sup>

O remorso não se limita a uma fantasia ou ao medo da punição. Cada um de nós tem dentro de si um tribunal, ou seja, a consciência, onde o homem julga

<sup>2</sup> CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 142-143.

<sup>3</sup> CHATEAUBRIAND. *O gênio do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jackson, 1949. v.II, p. 156-157. As outras citações serão extraídas dessa edição, constando entre parênteses as páginas em que poderão ser confrontadas.

a si mesmo, “esperando que o soberano Árbitro confirme a sentença” (p. 157), como diz solenemente Chateaubriand. Os motivos atenuantes que Chateaubriand encontra para o homicídio do chinês são análogos àqueles encontrados por Raskólnikov, o protagonista de *Crime e castigo*, para justificar o assassinato da velha usurária.

No final do capítulo de *O gênio do cristianismo* em que se encontra a passagem referida acima, Chateaubriand evoca as seguintes palavras de Cícero, concernentes à problemática do bem e do mal, apenas compreensíveis à luz da sabedoria divina:

Há no homem, diz Cícero, um poder que conduz ao bem e desvia do mal, não só anterior à origem dos povos e das cidades, mas tão antigo como Deus, por quem céu e terra subsistem, e são regidos; porque a razão é um essencial atributo da Inteligência divina; e esta razão, existente em Deus, assinala com precisão o que é vício e o que é virtude. (p. 158)

No capítulo seguinte (III do livro sexto), Chateaubriand defende a tese de que não é a religião que nasce da moral, mas sim que esta deriva daquela. E acrescenta: “é certo ainda que, quando os homens perdem a idéia de Deus, se despenham em todos os crimes, a despeito das leis e dos verdugos”. Dostoievski com certeza subcreveria esta idéia, que é como que a paráfrase, o comentário das suas concepções éticas e religiosas.

O debate e a polémica entre ateus e crentes estava na ordem do dia no início do século XIX. Um dos argumentos usados pelos ateus a seu favor era o de que havia certas comunidades indígenas que não conheciam a idéia de nenhuma espécie de Deus. Chateaubriand refuta e repele todo e qualquer argumento ateuista desse gênero. *O gênio do cristianismo* nada mais é que uma profissão de fé entusiasmada e veemente. De qualquer forma, tanto Chateaubriand quanto Dostoievski coincidem e estão em plena concordância quanto à filiação divina da moral. Ora, a consequência lógica desta tese é a de que, se não há crença em Deus, tudo é permitido, os piores, mais degradantes e perversos crimes. É evidente que esta proposição é bastante discutível, senão inteiramente refutável. Prova disso são tantos ateus convictos e respeitadores das leis e imposições sociais. Por certo que muitas vezes a filiação divina da moral é substituída por objetivos imediatistas e mesquinamente materialistas. Então passa a ser ideologicamente justificável prejudicar ou mesmo eliminar alguém porque é nosso adversário político, como acontecia com os bolcheviques, a quem Lênin doutrina: “A moral é o Partido”, ou nosso opositor econômico, o que leva

um operador da bolsa de valores a destruir a fortuna de um investidor com um simples gesto ou telefonema.

Paulo Rónai, no seu estudo sobre Balzac, ressalta que

[...] um dos motivos mais antigos da literatura, [é] o problema da consciência, o qual, oriundo dos ensaios morais de Platão e Cícero, reaparece em muitas obras de ficção dos últimos séculos. [...] A questão, formulada modernamente por Chateaubriand, obteve a forma pitoresca do “dilema do mandarim” em *O pai Goriot*, de Balzac, e daí se irradiou para diversas literaturas, inspirando obras tão diferentes quanto *O mandarim*, de Eça de Queirós, e *Crime e castigo*, de Dostoievski.<sup>4</sup>

É ainda Paulo Rónai quem, no prefácio ao romance *O pai Goriot*, afirma:

[...] na linha da descendência indireta de *O pai Goriot* encontra-se *Crime e castigo*, de Dostoievski. Raskólnikov é um filho de Rastignac; e ninguém sabe quantos filhos de Raskólnikov saíram da literatura para matarem o seu mandarim, ou, no melhor caso, para acabarem com os mandarins em geral, a fim de que a existência deles não constitua uma tentação perpétua.<sup>5</sup>

*O pai Goriot* (romance publicado no quarto volume d’ *A comédia humana*, da Editora Globo) é uma entre tantas obras-primas de Balzac, em que Vautrin, um ex-forçado (prisioneiro condenado às galés, a trabalhos forçados), um homem à margem da lei e dos costumes de uma sociedade que ele considera corrompida e hipócrita, propõe a seu amigo Rastignac um meio simples e rápido para que este último fique milionário. Os dois são hóspedes em uma pensão barata e decadente. Vautrin observou que Vitorine, uma bonita moça deserdada por seu pai e que também habita a mesma pensão, está apaixonada por Rastignac. Só o que é necessário fazer é matar em um duelo premeditado o irmão de Vitorine, o que obrigaria seu pai a recebê-la e aceitá-la novamente como herdeira. Vautrin faz essa proposta a seu amigo sob as árvores do acanhado jardim da pensão: Rastignac deve aceitar ou não o crime que o tornará milionário da noite para o dia? Deve ou não deve matar o seu mandarim?

<sup>4</sup> RÓNAI, Paulo. *Balzac e a comédia humana*. 3. ed. São Paulo: Globo, 1993. p. 39 [et passim].

<sup>5</sup> BALZAC, Honoré de. *A comédia humana*. Porto Alegre: Globo, 1958. v. IV.

É clara aí a intenção de matar indiretamente, a distância, o mandarim, que no caso é o irmão de Vitorine. A ação criminosa, anonimamente executada por um terceiro, livre dos meios brutais de um crime cometido à viva força e sem intermediários, livre dos machados tintos de sangue, reduz-se a um singelo e atemorizador dilema moral: seríamos capazes de matar, se as circunstâncias fossem favoráveis e os frutos do crime fossem compensadores? Não é preciso ser muito sagaz para quase sempre responder afirmativamente. Quantos de nós, em um momento de perturbação, não nos sentimos alguma vez francamente inclinados a matar alguém? Quantas vezes não sentimos este impulso? O que nos impede de realizar esses desejos são os princípios e valores morais adquiridos em nossa educação, ou o temor da punição da lei dos homens, ou a punição divina? Quais os freios e obstáculos que nos impedem de dar livre curso aos nossos impulsos assassinos?

Evidentemente, por partilharem a condição de homens submetidos à hesitação de matar ou não seu mandarim, parece procedente a aproximação, a identificação que faz Paulo Rónai entre Rastignac e Raskólnikov, conquanto as personagens apresentem nuances particularizadoras. O primeiro, ainda que sob a influência magnética do facínora Vautrin, termina por rejeitar suas propostas e, quando o irmão de Vitorine é morto em um duelo por um comparsa do ex-forçado, Rastignac nega-se a desposar a herdeira milionária. Já o herói russo apresenta um caráter e um temperamento bem diversos. Ele comete o crime com suas próprias mãos, usando um machado, instrumento brutal, que ele leva oculto sob o capote até a casa da usurária. Portanto é lícito dizer que se trata de um crime premeditado a frio (ainda que, surpreendentemente, essa frieza esteja impregnada de forte conteúdo emocional, seja impetuosa e dependa de uma circunstância – o rápido diálogo entre Raskólnikov e Alíona nos minutos que antecedem o crime – para concretizar-se como ato criminoso) e por conseguinte tanto mais hediondo, ainda mais que, à primeira vítima, segue-se uma segunda.

Há que se ressaltar a existência de outras personagens do escritor russo vinculadas à problemática em pauta, que representam em verdade o retorno obsessivo da temática da possibilidade do assassinato disputado pela parte má e pela parte boa de sua consciência, como Pavel Pávlovitch da obra *O eterno marido*<sup>6</sup> e Ivan Karamazov e Smierdiakov, d'*Os irmãos Karamazov*.<sup>7</sup>

Há uma tentativa de assassinato, na novela *O eterno marido*, que

<sup>6</sup> DOSTOIEVSKI, F. M. *O eterno marido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

<sup>7</sup> DOSTOIEVSKI, F. M. *Os irmãos Karamazov*. São Paulo: Abril Cultural, 1971. A citação a seguir será extraída dessa edição, constando entre parênteses as páginas em que pode ser confrontada.

representa a atração e o fascínio que Dostoievski sentia por personagens movidos por impulsos ameaçadores e criminosos. Pavel Pávlovitch, um antecessor de Raskólnikov, está hospedado na casa de Veltchaninov, um homem que há dez anos fora amante da mulher dele (e este último está ciente de que fora traído pela esposa, já falecida). Veltchaninov tem um forte mal-estar durante a madrugada, lhe dói o peito e, não suportando mais as dores, põe-se a gemer alto. Pavel o socorre com a maior diligência e zelo, preparando, com a ajuda da empregada, compressas quentes que fazem desaparecer as dores do doente. Os dois voltam a dormir. O doente então tem um pesadelo, porém, mesmo dormindo uma espécie de sexto sentido faz com que acorde sobressaltado, a tempo de, erguendo as mãos, defender-se de Pavel, que o ataca com uma navalha. Os dois homens lutam no escuro da sala e Veltchaninov, mesmo com a mão ferida pela lâmina da navalha, consegue dominar o oponente e amarrar suas mãos atrás das costas, com a corda da cortina. O narrador comenta:

Pavel Pávlovitch queria de fato cortar-lhe o pescoço, mas talvez um quarto de hora antes não sabia o que ia fazer. É possível que o estorjo com a navalha lhe tivesse caído sob os olhos, na véspera, sem despertar nenhuma idéia precisa, mas a imagem lhe ficou na lembrança. (p.32)

Antes de tentar matar o seu hospedeiro, Pavel o socorre, num momento de aflição.<sup>8</sup> Constatase, assim, que tanto a personagem da obra *O eterno marido* quanto Raskólnikov são seres divididos entre o bem e o mal, entre o pecado e a virtude. Também Raskólnikov, um momento antes de matar a velha Alíona, não está seguro de que irá matá-la. Apenas a "idéia" de que tem um machado sob o casaco lhe ocorrerá subitamente, e então matará.

N'*Os irmãos Karamazov*, dois irmãos, Aliocha e Ivan travam o seguinte diálogo:

-Meu irmão, permite-me ainda uma pergunta. Pode dar-se que cada qual tenha o direito de julgar seus semelhantes e de decidir quem é digno de viver e quem não é?

<sup>8</sup> Trata-se de uma atitude recorrente em Dostoievski. Assim, também Raskólnikov será capaz de, após o homicídio, dar todo o seu dinheiro à mulher de Marmeládov. O anjo caído, mesmo encarnando o espírito da criatura malévola que é, por vezes tem repentinos ímpetos generosamente caridosos e piedosos, que fazem lembrar sua origem, antes voltada para o bem. O ateísmo de Raskólnikov não é nem mais nem menos que a revolta de um coração cristão e benévolo, por não poder alcançar a bênção e a graça a ele prometidas pela religião.

-Que vem fazer aqui a apreciação dos méritos? O coração humano não se baseia sobre os méritos para resolver essa questão, mas sobre outros motivos bem mais naturais. Quanto ao direito, quem, pois, não tem o direito de desejar? -Não a morte de outrem.

-E por que não a morte? De que serve mentir a si mesmo quando todos vivem assim e sem dúvida não podem viver de outro modo? (p. 112)

Assim, para a personagem, o coração humano responde a motivos naturais para matar. Ele vê diante de si um obstáculo à realização de seus desejos e então um impulso cego e surdo à razão o leva a perpetrar o crime, a abismar-se no pecado do crime. A julgar pela argumentação de Ivan, que conclui este diálogo, não há por que atentar para justificativas éticas de nossos atos. Para ele, devemos seguir sem mais nem menos aqueles ditames emanados de nossos obscuros instintos animais.

Ainda nos *Karamazov*, o *starietz* Zosima (líder religioso ortodoxo de um mosteiro, personagem venerado e respeitado por todos, muito sábio e virtuoso) narra sua amizade com um homicida (p. 223-225) que havia matado uma jovem da sociedade, distinta, amável, mas que o rejeitara por um rival. Para matar a mulher, introduz-se em sua casa pulando a cerca do jardim e subindo ao telhado do celeiro. Uma vez dentro do quarto da senhorita, mata-a impiedosamente. "Mas, como acontece frequentemente, os crimes audaciosos são muitas vezes mais bem sucedidos que os outros", observa o narrador na passagem correspondente. Raskólnikov teria partilhado desta opinião.

O amigo homicida de Zosima consegue a princípio não sentir remorsos, mas com o tempo passa a atormentá-lo a recordação de seu crime. Este é o seu castigo, e o mesmo poderia ser dito a respeito de Raskólnikov, que se atreve a visitar o local do crime e perguntar se as manchas de sangue foram lavadas do piso do apartamento, atreve-se a puxar a campainha para ouvir outra vez o som que lhe evoca recordações sinistras. Este homicida da narrativa de Zosima manifestamente é um descendente de Raskólnikov, é como um eco, um desdobramento de um mesmo personagem-tipo. E as semelhanças não ficam aí: o homicida de Zosima chega a pensar em suicidar-se e depois decide-se a confessar publicamente seu crime, num ato de expiação, tal qual Raskólnikov ajoelhando-se no meio da praça do mercado em Petersburgo.

Ainda nos *Karamazov*, Smierdiákov, o criado e filho natural que matou o pai Fiódor, ao confessar seu crime a Ivan Karamazov, lembra a este que, como Ivan havia dito, se Deus não existe não há portanto virtude e ela é inútil. Ora, se a virtude é inútil ou inexistente, o crime, o vício, o pecado são plenamente

autorizados. Tudo é permitido se não há Deus. Provavelmente Dostoiévski, que tinha profundo conhecimento da literatura francesa, leu Chateaubriand, ou neste ponto os dois autores coincidem de modo surpreendente. Ora, tudo é permitido se não há Deus, portanto o ateísmo é o caminho da perdição dos indivíduos. Não é à-toa que Raskólnikov duvida da existência de Deus.

Por seu turno, Teodoro, o narrador do romance *O mandarim*, de Eça de Queirós<sup>9</sup>, um amanuense humilde e sem recursos, encontra em um livro uma proposta em tudo semelhante ao dilema proposto por Chateaubriand. O diabo lhe aparece de repente, sob o aspecto de um burguês prosaico, pálido, vestido de preto, chapéu alto, mãos calçadas de luvas negras e propõe a Teodoro que consinta em puxar a campainha (como lhe sugerira a leitura do livro), o que faria com que um mandarim na China morresse e lhe deixasse toda sua fortuna. O diabo enumera todas as vantagens que ele teria em herdar a fortuna do mandarim: belas mulheres, distinção social, carruagens, etc. Teodoro não resiste à tentação: faz soar a campainha. Não era preciso mais nada. O principal é que ele seja a causa voluntária e consciente da morte do oriental desconhecido. O que vale é desejar que alguém morra, uma vez que isto irá proporcionar felicidade àquele que desejou. E, afinal, qualquer um de nós, pobres e frágeis que somos, sempre expostos às maiores provações e desgraças, qualquer um de nós seria passível de sucumbir e fazer soar a campainha. Segue a narrativa e, de fato, na manhã subsequente Teodoro recebe a visita de um agente comercial, que lhe entrega um envelope contendo sua imensa fortuna: 106 mil contos. Mas o protagonista, em meio às orgias e prazeres de sua nova vida, começa a ser perseguido por visões, pelo fantasma de Ti-Chin-Fu (o mandarim que matara a distância) e, para expiar o remorso, Teodoro resolve viajar à China e doar alguns milhões aos parentes de sua vítima. Uma vez na China, termina por ser atacado, certa noite, por uma multidão enfurecida, que ouvira falar de sua imensa riqueza e tencionava roubá-lo. Consegue escapar, mas então, desolado, resolve voltar à Europa, sem ter encontrado os parentes do mandarim. No final da narrativa, Teodoro reencontra, em uma ruela escura, o diabo que o instigara a tocar uma campainha homicida. Mas a sua figura se desfaz, só restando em seu lugar um cão que fareja o lixo da rua. Teodoro não renuncia à posse de sua fortuna, mas faz um testamento legando-a ao diabo.

Retornando à obra de Dostoiévski, verifica-se que, no romance *O adolescente*, escrito alguns poucos anos após *Crime e castigo*, o escritor retoma a questão "É justificável matar?", fazendo derivar dela uma outra, que não é mais que seu desdobramento lógico. Dolgorukii, o adolescente, indaga: "Por que é

<sup>9</sup> QUEIRÓS, José Maria Eça de. *O mandarim*. Porto Alegre: L&PM, 2000.

absolutamente necessário ser virtuoso?<sup>10</sup> Dolgorukii vive em uma água-furtada, “um nicho que só serve para cachorro...um caixão de defunto” (p.116), tal qual o cubículo onde viveu Raskólnikov, e há também outros pontos em comum entre os dois personagens. Há um momento em que o adolescente (p. 314) é acometido de um delírio. Tal estado delirante o faz perder a noção de suas ações, o que por um triz não o leva a cometer um crime.

Por que é absolutamente necessário ser virtuoso? A resposta dostoiévskiana é uma só: porque Deus existe e sua onipotência e onisciência estão sempre a julgar nossos atos. Marilena Chauí, no seu *Convite à filosofia*, expõe resumidamente a conjuntura moral particular e específica em que se vê inserido o homem cristão :

[No cristianismo] A virtude se define por nossa relação com Deus e não com a cidade (a polis) nem com os outros. Nossa relação com os outros depende da qualidade de nossa relação com Deus, único mediador entre cada indivíduo e os demais. Por esse motivo as duas virtudes cristãs primeiras e condições de todas as outras são a fé (qualidade da relação de nossa alma com Deus) e caridade (o amor aos outros e a responsabilidade pela salvação dos outros, conforme exige a fé). As duas virtudes são privadas, isto é, são relações do indivíduo com Deus e com os outros, a partir da intimidade e da interioridade de cada um.<sup>11</sup>

Ora, Raskólnikov não tem fé (e esta é a chave para a compreensão de seu comportamento) mas nem por isso deixa de ter uns repentinos, uns rasgos súbitos de caridade genuinamente cristã. Isto parece indicar uma fé inconsciente, embrionária. Com efeito, deve ser mesmo este o aspecto de sua personalidade que se insurgirá contra a consciência de seu crime, e o fará, depois de muita resistência e hesitações, entregar-se à polícia. A atitude de Raskólnikov após o crime, atitude que o leva a confessar-se primeiramente a Sônia e depois aos policiais, é um gesto marcadamente expiatório. Não importa o quanto haja de fria e desumana, áspere indiferença e ateísmo aparentemente irreduzível em Raskólnikov, este é apenas um aspecto, uma das faces de sua personalidade, que é disputada por uma faceta oposta, flagrantemente cristã. Esta face piedosa está

<sup>10</sup> DOSTOIEVSKI, F. M. *O adolescente*. São Paulo: Global, 1983. p. 53. Todas as outras citações serão extraídas dessa edição, constando entre parênteses as páginas em que podem ser confrontadas.

<sup>11</sup> CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997. p. 343. As outras citações serão extraídas dessa edição, constando entre parênteses as páginas em que podem ser confrontadas.

oculta, só emerge em ocasiões especiais, e representa uma das metades de seu temperamento dividido, como de resto já indica a significação de seu nome em russo.<sup>12</sup> É como a face de certos penitentes religiosos, que chegam ao extremo de flagelar-se, num sacrifício de corpo e alma em nome de um sentimento piedoso, que de resto implica sempre uma sensação de culpa por pecados cometidos. Raskólnikov, ou uma parte decisiva dentro dele, quer ser punido, quer sofrer todas as amargas conseqüências de seu ato, porque sabe que esta é a sua redenção, o seu resgate; quer padecer um castigo que, embora desferido pela justiça dos homens, será ratificado e abençoado pela onipotência e justiça divinas. Entretanto, ainda que Raskólnikov se revolte intimamente, obcecado pela recordação de sua transgressão, de sua ação sacrílega, ele não sente remorso. A nível consciente lhe parece apenas que ele não é forte o bastante para arcar com as conseqüências de seu ato, ele não consegue ser o “homem extraordinário”, no sentido napoleônico, que pensava ser.

Vejamos ainda o que diz Marilena Chauí :

Somos seres fracos, pecadores, divididos entre o bem (obediência a Deus) e o mal (submissão à tentação demoníaca). Em outras palavras, enquanto para os filósofos antigos a vontade era uma faculdade racional capaz de dominar e controlar a desmesura passional de nossos apetites e desejos, havendo, portanto, uma força interior (a vontade consciente) que nos tornava morais, para o cristianismo a própria vontade está pervertida pelo pecado e *precisamos do auxílio divino para nos tornarmos morais*. (p. 343, o grifo é nosso)

Dostoiévski compartilha plenamente da crença cristã, e a ela acrescenta um outro elemento, que é anti-racionalista. Ele não acredita que a razão possa dar conta dos talvez insondáveis mistérios e profundezas da natureza humana. Por isso, por essa atitude anti-racionalista, seus personagens mais intelectualizados, entre os quais está incluído Raskólnikov, são os primeiros a praticar crimes e desmandos e maldades, justamente porque neles está abalada a crença em Deus

<sup>12</sup> “Raskol” em russo significa “cisão”, “divisão”. Os raskólniki foram religiosos dissidentes do séc XVII e que, mesmo em vida de Dostoiévski, ainda existiam e caracterizavam-se, entre outras coisas, por convicções políticas opostas àquelas defendidas pelo regime, pelo governo despótico do czar Nicolau. Resta esclarecer a terminação “ov” do nome de Raskólnikov. Segundo informação do professor Marat Rafikov (de origem russa), da Universidade de Jjuí, a terminação “ov” é indicativa do gênero masculino, assim como a terminação “ova” indicaria o feminino. Raskólnikov, portanto, em língua russo significaria algo como “o-homem-dividido”.

que poderia revitalizá-los e resgatá-los do beco sem saída da razão auto-suficiente e arrogante. A concepção dostoiévskiana é de que é preciso amar a vida independentemente da lógica. Só então compreenderemos, por este impulso de bondade cristã, o significado de nossas existências.

Contudo, Daniel Boorstin considera que, por outro lado, os romances de Dostoiévski

explicam a grandeza de Deus e a necessidade da existência do mal [...]. Como observou o filósofo Nikolai Berdyayev, a existência do mal é prova da existência de Deus. Se o mundo consistisse exclusivamente de bondade e de justiça, Deus não seria necessário, porque nesse caso o mundo seria Deus. Deus existe porque o mal existe. O que significa que Deus existe porque a liberdade existe. [...] Cada crime é um testemunho de liberdade, manifestação da necessidade da alma de optar.<sup>13</sup>

Vejamos o que pensa outro filósofo, José Aranguren:

Se mato a um homem, por exemplo, o resultado de minha ação é, no mundo, a substituição de um ser humano por um cadáver. Mas o resultado em mim mesmo é que a possibilidade que eu tinha de ser homicida eu a converti em realidade, ou o que é igual, eu a incorporei à minha realidade: desde esse momento eu sou um homicida.<sup>14</sup>

Ora, se sou um homicida, não posso fugir a esta condição. E mais, sou capaz de renovar, de reincidir, de recair no mesmo erro, e matar outra pessoa. Entretanto, talvez não seja este o caso de Raskólnikov. Ele parece ser irresistivelmente arrastado por um surpreendente concurso de circunstâncias, tal como se não tivesse escolha, tal como se um influxo diabólico dirigisse seus passos. Prossegue Aranguren:

Se eu mato um homem, eu o mato de uma vez, não o estou matando sempre, a história de meu homicídio tem um começo e um fim. Mas de fato tem um fim? Se em vez de considerar o ato considero agora a possibilidade que realizei, há que

<sup>13</sup> BOORSTIN, Daniel. *Os criadores*: uma história da criatividade humana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 814.

<sup>14</sup> ARANGUREN, José Luís L. *Ética*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1997. p. 68.

responder negativamente. Sou já, de uma vez para sempre, homicida. Inclusive ainda que me arrependa, minha ação se conservará sempre sob a forma de "haver matado". (p. 70)

A seguir, Aranguren relaciona Nietzsche em suas considerações éticas<sup>15</sup> a respeito do homicídio:

Na verdade já Nietzsche havia tirado todas as conseqüências do fato trágico da "morte de Deus" [...]. Mas se Deus morreu, se não existe mais, então a moral carece de fundamento e "tudo está permitido". (p. 146)

Como vemos, neste ponto ao menos Nietzsche e Dostoiévski (assim como Chateaubriand, assim como Cícero e outros) estão inteiramente de acordo. Ora, se concordarmos com a proposição acerca da filiação divina da moral, inerente ao cristianismo, a conclusão de que "tudo está permitido", uma vez que Deus morreu, é procedente e válida. Essa mesma concepção, aliás, pode ser encontrada em filósofos medievais como Tomás de Aquino, que insistia em afirmar que toda verdade está na mente divina, e portanto não há nenhum valor moral que não seja originário de Deus. Conclui Aranguren:

É verdade que não poucos filósofos se opõem à famosa frase de Dostoiévski ("se não existe Deus tudo está permitido") e alguns afirmam, ao contrário, que é justamente o sentido moral o que nos faz acatar os mandamentos de Deus e o que nos levaria a rechaçar os de um demônio criador. (p. 147)

Portanto, da moral se originaria a religiosidade, e não o inverso. Quanto ao demônio, há uma nítida relação, um vínculo evidente e estreito entre Raskólnikov e seu descendente, o Stavróguin d' *Os demônios*. Ambas as personagens são intelectuais nihilistas, cétricos e cínicos no mais alto grau, e por isso não se importam com as conseqüências dos seus atos; que, justamente por serem surpreendentes e ignóbeis, revelam uma secreta revolta maligna, que pode ser entendida como um ódio intimamente relacionado a um amor malferido e malogrado, e faz supor ou cogitar em uma alma bondosa e virtuosa desviada do seu curso por alguma

<sup>15</sup> Contudo há que distinguir entre ética e moral. Para Sánchez Vázquez (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999), a ética é um problema teórico-moral. Surge quando passamos da moral efetiva, vivida, quotidiana, para a reflexão acerca desta moral. Portanto, a moral é prática e individual, a ética é genérica, isto é, formula generalizações morais.



frustração ou sério contratempo. Nesse sentido, só aqueles que originária e essencialmente são bons cristãos podem tornar-se demônios, entregues ao vício e à maldade como a uma doença, de modo irreprimível. Só os bons de coração podem tornar-se real e inteiramente maus. Stavróguin, com olímpica indiferença maléfica, casa-se com uma mulher feita, desprezível e aleijada, e depois lidera, com todo desdém e indolência, sem jamais perder o sangue-frio, um grupo de revolucionários cujo plano é implodir, devastar a sociedade de uma pacata cidadezinha do interior da Rússia czarista. Como se, não importa o que fizesse, nada pudesse abalar sua alma, pois ela está desarraigada, é uma ovelha tresmalhada, insensível a tudo, pois de tudo está apartado o seu coração.

Também Ivan Karamazov vê-se às voltas com o dilema do mandarim, como já foi mencionado, quando Smierdiákov, o seu irmão parricida, lhe deixa entrever, insinua que tem a intenção de matar o sr. Fiódor Karamazov. Inconscientemente Ivan dá o seu aval, o seu assentimento e, afastando-se da cidade sob o pretexto de uma viagem a Moscou, deixa o campo livre a Smierdiákov, que desta forma sente-se autorizado a matar.

O ateísmo parece ser a chave para explicar a psicologia de Raskólnikov. Em quase todas as obras da maturidade, Dostoievski tenta mostrar

O efeito desintegrador da ideologia radical atéia importada do ocidente sobre o que Dostoievski acreditava ser o caráter nacional russo, por natureza moral-religioso, com sua necessidade instintiva de acreditar em Cristo e em Deus.<sup>16</sup>

Assim, para opor-se ao racionalismo “desintegrador” ocidental, Dostoievski cria personagens que, justamente por serem instruídos e formados pela cultura ocidental, por conhecerem a fundo Voltaire, Proudhon, entre outros, entram em crise e enlouquecem. Nesses acessos de loucura, abismam-se no opróbrio ou no crime.

Quanto à gestão criadora do personagem Raskólnikov, Joseph Frank apresenta informações de suma importância. Frank relata que Dostoievski escreveu o romance em um período atormentado e especialmente difícil da sua vida. Viajou à Europa, no início da década de 1860 (portanto ainda não começara a redação de *Crime e castigo*), depois de ter pago algumas dívidas aos seus credores, levando consigo a esperança de ganhar algum dinheiro na roleta, em cidades alemãs, dentre elas Wiesbaden. Perdeu o pouco dinheiro que tinha no

<sup>16</sup> FRANK, Joseph. *Dostoievski: as sementes da revolta* (1821-1849). São Paulo: Edusp, 1999. p. 400.

jogo. Uma idéia de quão difícil, humilhante e penosa passou a ser então a sua situação é um trecho de uma carta sua a Apolinária Suslova, que tinha deixado Wiesbaden pouco antes, depois de lhe fazer uma visita:

Meus negócios estão terríveis nec [sic] plus ultra; é impossível prosseguir. Mais além deve haver uma outra zona de infortúnio e sordidez da qual ainda não tenho conhecimento. (...) Ainda estou vivendo sem refeições e este já é o terceiro dia que vivo do chá da manhã e da tarde – e curioso! não desejo realmente comer. O pior é que eles me destratam e algumas vezes me recusam uma vela de noite (especialmente) quando algum pedaço da antiga ainda resta, mesmo que seja o menor dos pedaços. Mas deixo o hotel todo dia às três horas e retorno apenas às seis, para não dar a impressão de que nunca janto.<sup>17</sup>

Foi nesse período de humilhação que Dostoievski imaginou um novo personagem, um estudante pobre que, isolado de tudo e tendo de enfrentar as maiores privações, resolve solucionar seus problemas cometendo um crime, assassinando uma velha usurária, uma criatura perniciososa que não iria fazer falta a ninguém. Por outro lado, Dostoievski recordava muito bem dos assassinos que conhecera na Sibéria, assassinos sem consciência nem arrependimento por suas faltas e pecados. Outros elementos que influenciaram e moldaram a criação do personagem Raskólnikov – um niilista que se julga um homem extraordinário, acima das convenções e injunções da lei e de Deus – foram alguns pensadores radicais russos da época, que Dostoievski lia com atenção, entre eles Tchernichévski e Píssarev. Diz-nos Frank:

Muito mais significativas são algumas declarações de Píssarev num famoso ensaio em que resenhava *Pais e filhos* de Turguêniev, defendendo o livro – uma obra muito apreciada por Dostoievski – contra seus detratores no campo radical, ao qual o próprio Píssarev pertencia. A personagem Bazárov, segundo Píssarev, era o protótipo do novo herói radical da época, e ele o glorificou em termos que iam muito além do retrato céptico, alternativamente admirativo e demolidor de Turguêniev. De fato, Píssarev levou Bazárov, um intelectual russo radical de baixa extração, quase ao nível

<sup>17</sup> FRANK, Joseph. *Pelo prisma russo*. São Paulo: Edusp, 1992. (Dostoievski, Selected Letters, apud Frank) p.114.



de um super-homem nietzschiano postado além do bem e do mal. "Nem acima de si, nem fora de si, nem dentro de si", declarou "[Bazárov] reconhece qualquer regulador, qualquer lei moral, qualquer princípio". Além disso, "nada, exceto o gosto pessoal, o impede de matar ou roubar".<sup>18</sup>

Assim, tornam-se mais compreensíveis as influências, os elementos que contribuíram para a criação da personagem Raskólnikov. Dostoiévski se propôs a colocar em ação o herói radical de Pissarev e mostrar que desenlace atroz à sua ideologia poderia ter.

Encerrando este breve ensaio, gostaríamos de citar algumas observações perspicazes nas *Memórias* de Tolstói, sobre a psicologia do crime, com uma surpreendente menção do assassino que mata o próprio pai com um machado. Essas *Memórias*, que na verdade são a primeira obra de ficção, do início da carreira literária de Tolstói, antecipam certos temas basilares da obra de Dostoiévski de modo surpreendente, ainda que tenham sido escritas em 1852, portanto catorze anos antes da publicação de *Crime e castigo* em folhetim. Eis o trecho:

Há momentos em que o futuro se apresenta ao homem sob uma luz de tal forma sombria que ele mal ousa deter nesse espetáculo os olhos do espírito e sente uma espécie de suspensão na sua atividade cerebral — e lhe parece afinal que não terá futuro e que não teve passado. Nesses momentos, quando o espírito já não está de vigília, para servir de guia à vontade, quando as únicas molas da vida se mantêm no estado de instintos, compreendo que o menino — sem indecisão nem medo — e até mesmo com um sorriso de curiosidade, prepare e atice o fogo na sua própria casa, na casa onde dormem seus irmãos, seu pai, ou sua mãe, a quem ele ternamente ama. Sob influência da mesma disposição de espírito, um jovem camponês de dezessete anos examina o fio do machado de que se vai servir, ali, junto ao banco onde dorme seu velho pai, com a cabeça inclinada, o pescoço estirado... Desenha o movimento circular, baixa o machado, depois olha com curiosidade idiota como corre o sangue que ele acaba de derramar; e ainda sob a influência desse sono do espírito e desse curiosidade instintiva, o homem sente não sei que prazer estranho a se deter à borda de um

<sup>18</sup> Ibidem, p. 144.

precipício: "E como será depois, se eu me atirasse daqui?" pensa ele. Ou em apoiar à testa o cano do revólver e dizer: "E que acontecerá se eu apertar o gatilho?" Ou ainda, diante de uma pessoa importante, a quem todo mundo considera e presta homenagem, sucede-nos pensar: "E que aconteceria se eu me aproximasse dessa pessoa, segurasse-lhe o nariz e dissesse: Que é que há, bichão! Ora, ora!"<sup>19</sup>

Como este trecho, isolado e fortuito nas *Memórias*, está pejado, carregado de temáticas genuinamente dostoiévskianas! Os abismos tenebrosos e ameaçadores da psicologia do homem num estado alterado de consciência, febril, mórbido. Isso sem contar as referências ao criminoso e seu machado, ao homem que puxa o figurão pelo nariz, exatamente como Dmitri, n' *Os irmãos Karamazov*, arrasta pela barba o pobre capitão reformado Snieguiriov, que trabalhava como espião e agente de seu pai Fiódor, o qual desejava saber dos passos do filho Dmitri, com quem disputava a mesma mulher, Gruchenka, arrasta o homem pela barba de um botequim para o meio da rua, para humilhá-lo e espezinhá-lo publicamente.

O trecho de Tolstói parece indicar o quanto a imagem do assassino brutal e implacável estava profundamente impressa no imaginário russo, mas não a imagem de uma assassino qualquer e sim a de um homicida em estado de consciência alterado. O que distingue Raskólnikov de todos os outros assassinos da história literária universal é o fato de ele ser o "homem da idéia" e, sob certo aspecto, não desprezível, muito digno e imponente como ser humano coerente com seu modo de pensar, coerente a tal ponto que resolve pôr em prática seus sofismas morais. Já se sabe que resultado esta atitude pode ter, no sentido que Dostoiévski lhe deu, a que catástrofes esta coerência olímpica pôde levar.

## CONCLUSÃO

O homicídio, sob as mais variadas formas, é um dos temas mais antigos na história da literatura. Remonta à tragédia grega, ao *Édipo* de Sófocles, que mata seu próprio pai cumprindo assim o vaticínio do oráculo, que havia profetizado seu destino inexorável. Medéia conquista o toσό de ouro para o seu amante, o argonauta Jasão, foge com este da casa do seu pai, o rei Aetes, cuja perseguição ela retarda matando seu irmão e semeando por todo o caminho pedaços do

<sup>19</sup> TOLSTÓI, Leon. *Memórias*. São Paulo: Global, 1983. p. 191-192.

racionais, e a razão move nossos atos e decisões. O que não lembramos é que muitas vezes a razão falha, em algum ponto do concatenar de seus pensamentos, e então nossas ações se ressentem disso. Como somos sempre obrigados, em nossas existências, a tomar decisões, o fato é que inexoravelmente alguma vez teremos de ser injustos. A responsabilidade do homem íntegro é reconhecer seus próprios erros, saber voltar atrás, corrigir, resgatar o que foi mal executado. Porém, o que acontece quando nosso erro foi muito grave, quando, por fatalidade talvez, matamos a golpes de machado duas mulheres indefesas? O que acontece se, além dessa culpa, tivermos em nosso íntimo poderosas inclinações cristãs? O caminho que resta percorrer é o da expiação. Se o teu olho direito te ofende, arranca-o. Parece-nos que Dostoiévski soube, como nenhum outro escritor em toda a história da literatura, captar a dimensão verdadeira e profunda desse conflito. Apenas discordamos dele quando afirma que, se não há Deus, então tudo é permitido. A moral não descende da religião, a religião é que pode ser alcançada e dar frutos através do bom encaminamento daquela. Portanto, há esperança para os homens ateus. De qualquer modo, eles terão se aproximado de Deus se suas ações forem benevolentes e generosas. E assim poderão dormir em paz, sem precisar ser acordados no meio da madrugada pela polícia, como aliás foi o jovem Dostoiévski certa vez despertado pelo delegado do czar que vinha levá-lo para a prisão. A lei russa o condenou a quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria, aos quais se acrescentaram mais cinco de um total isolamento em uma cidadezinha inóspita siberiana, como soldado raso. E assim Dostoiévski resgatou e redimiu a sua dívida diante de Deus, por ter defendido e apoiado um grupo de conspiradores ateus que pregavam a dissolução do regime czarista. À sua maneira, Dostoiévski soube encontrar seu caminho como cidadão russo e como ser humano a quem o sofrimento e a necessidade de um arrimo moral converteram ao cristianismo.

Quanto ao dilema do mandarim, poderíamos traçar algumas observações finais. A sua formulação original por Platão sugere a essência de uma problemática, traduzível nos termos seguintes: aqueles que estiverem seguros da impunidade provavelmente serão capazes de cometer os piores crimes e atrocidades. Chateaubriand deu a essa questão uma versão renovada e mais precisa. Transformou a invisibilidade do Gíges platônico num explícito caso de consciência, ou seja, se pudéssemos herdar a fortuna e os bens de um chinês, matando-o a distância, mediante um simples gesto como o de puxar uma campainha, somente nossa consciência (se a tivéssemos) cristã, posto que para ele é um reflexo da sabedoria divina, nos impediria de realizar esse gesto. Balzac, n' *O pai Goriot*, converteu o chinês em um mandarim, nomeando e especificando assim o que para Chateaubriand era somente um chinês qualquer. Eça de Queirós, no seu *O*

cadáver. Depois, Médéia mata sua rival Créusa, envolvendo-a numa túnica envenenada. Não satisfeita com isso, para vingar-se da infidelidade de Jasão, apunhala os seus próprios filhos. Fedra, imortalizada nas tragédias de Eurípedes e Racine, é uma criminosa passional. Calúnia o enteado Hipólito, para que seu marido Teseu o mate. Orestes mata o amante da mãe, e depois a mãe também. Não é necessário ir tão recuadamente ao passado. Basta recordar Shakespeare, onde há assassinos memoráveis, como Otelo, Macbeth e Hamlet. Quem não recorda Lady Macbeth a andar sonâmbula pelos corredores do seu castelo, enquanto sonha que suas mãos estão tintas de sangue? N' *Os bandidos*, de Schiller (autor que muito influenciou Dostoiévski em sua juventude), encontramos a personagem Carlos Moor, o tipo do criminoso rebelde à vontade arbitrária do tirano cruel, protegendo os fracos e vingando os ofendidos, como salienta Enrico Ferri.<sup>20</sup> O jovem Dostoiévski, nos tempos em que era estudante na escola militar, sabia de cor passagens das obras de Schiller, ainda que depois, na maturidade, o tenha de certa forma repudiado sarcasticamente.

Contudo, *Crime e castigo* é um romance à parte na história da literatura. Raskólnikov é um caso excepcional de um personagem obcecado por uma idéia e que, levando-a aos últimos extremos, vê-se a desferir golpes de machado na cabeça de duas mulheres indefesas, tudo para mostrar-se coerente com sua idéia. E é de fato esta coerência que faz do personagem um ser humano assustador. Afinal, se pensarmos em grandes criminosos na história universal, o que fizeram eles senão serem coerentes com suas próprias idéias, por mais estrambóticas e estapafúrdias que tenham sido? Hitler estava certo de que o ariano era a raça que herdaria o mundo, e que o elemento judeu tinha de ser eliminado. Essa forma de pensamento estava estruturada ideologicamente, um pensamento concatenado a outro, premissas levando implacavelmente a conclusões.

Esse aspecto da racionalidade é que é assustador e cabe aqui ressaltar que todos nós, enquanto seres humanos, estamos imersos também nesse processo e padecemos desse mal. Frequentemente cometemos erros de raciocínio e julgamento, que por sua vez nos levam a cometer atos injustos, indignos, ofensivos à liberdade alheia. Mas o fato é que, enquanto agirmos, o que nos movia era a certeza de estarmos lucidamente de posse da verdade. O que pensa um assassino antes de matar? Ora, lá na sua cabeça perturbada lhe parece muito razoável empunhar um revólver e dispará-lo contra algum inocente. Justamente porque, segundo o seu modo de ver, este inocente merece tal punição ou é tão desprezível que não provoca a menor piedade ou sentimento humanitário. Somos todos seres

<sup>20</sup> FERRI, Enrico. *Os criminosos na arte e na literatura*. Lisboa: Livraria Clássica, 1913.

*mandarim*, transplantou sem alterações a formulação balzaquiana do dilema e se deu o curioso e atraente trabalho de urdir um enredo em que o amanuense Teodoro, pobre e desprezado por todos, enriquece subitamente por ter, através de um simples toque de campainha, matado o seu mandarim. O restante da narrativa queirosiana desenvolve os desdobramentos desse episódio, e Teodoro passa a ser perseguido pelo fantasma do mandarim, o que o obriga a uma infrutífera viagem à China.

*Crime e castigo* inclui-se também no dilema do mandarim, mas sob uma perspectiva diferente, como de resto pensamos que já ficou explanado e elucidado ao longo deste ensaio. Julgamos que Raskólnikov somente pode ser incluído no dilema do mandarim sob alguns aspectos. Na verdade, ele pouco hesita, pois, em sua consciência transomada, desde o início da narrativa, já forjou um sistema sofisticado de justificativas para o crime, que irá cometer com as próprias mãos e não indiretamente, assepticamente, puxando um cordão de campainha ou apertando um botão. Contudo, a temática acerca do dilema “matar ou não matar o mandarim” ainda não foi esgotada e, no futuro, outros autores provavelmente irão abordá-la e explorá-la novamente, se tivermos presente o panorama contraditório e antitético que os insondáveis abismos da alma humana oferecem aos artistas suficientemente audazes e lúcidos para contemplá-los e descrevê-los em todo o seu horror e amplitude, se lembrarmos que a condição das almas divididas entre o bem e o mal é um dos elementos essenciais na psicologia do homem, em qualquer lugar ou período histórico.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANGUREN, José Luís. *Ética*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1997.
- BALZAC, Honoré de. *A comédia humana*. Porto Alegre: Globo, 1958. v. IV.
- BOORSTIN, Daniel. *Os criadores*: uma história da criatividade humana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- CHATEAUBRIAND. *O gênio do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jackson, 1949. v. II.
- CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DOSTOIEVSKAIA, Anna G. *Meu marido Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

- DOSTOIEVSKI, Fiodor Mikháilovitch. *Crime e castigo*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962.
- \_\_\_\_\_. *O adolescente*. São Paulo: Global, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O eterno marido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Os irmãos Karamazovi*. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- QUEIRÓS, José Maria Eça de. *O mandarim*. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- FERRI, Enrico. *Os criminosos na arte e na literatura*. Lisboa: Livraria Clássica, 1913.
- FRANK, Joseph. *Dostoiévski: as sementes da revolta (1821-1849)*. São Paulo: Edusp, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Pelo prisma russo*. São Paulo: Edusp, 1992.
- PLATÃO. *A república*. 8. ed. Porto: Calouste Gulbenkian, 1996.
- RÓNAI, Paulo. *Balzac e a comédia humana*. 3. ed. São Paulo: Globo, 1993.
- SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- TOLSTÓI, Leon. *Memórias*. São Paulo: Global, 1983.